

## SÃO ROQUE

Paquetá, a aprasível e romântica ilha da baía de Guanabara, cognominada por D. João 6.<sup>o</sup>, de “Ilha dos Amores”, procurada ainda hoje pelos namorados, trovadores e artistas que se extasiavam ante a enternecedora poesia que oferece aquele recanto magnífico de praias alvas e altos coqueiros — possui também a sua igreja histórica.

Esse templo foi dedicado a S. Roque pelo Padre Manoel Antônio Espinha, que conseguiu em Lisboa, em 29 de dezembro de 1697, a necessária provisão para a sua fundação.

Supõe-se tenha esse templo sido construído por Inácio de Bulhões, primeiro proprietário de um lote de terras situado no norte da ilha, e que aqui chegara de Portugal, com Estácio de Sá, ou pelos que o sucederam na posse da terra.

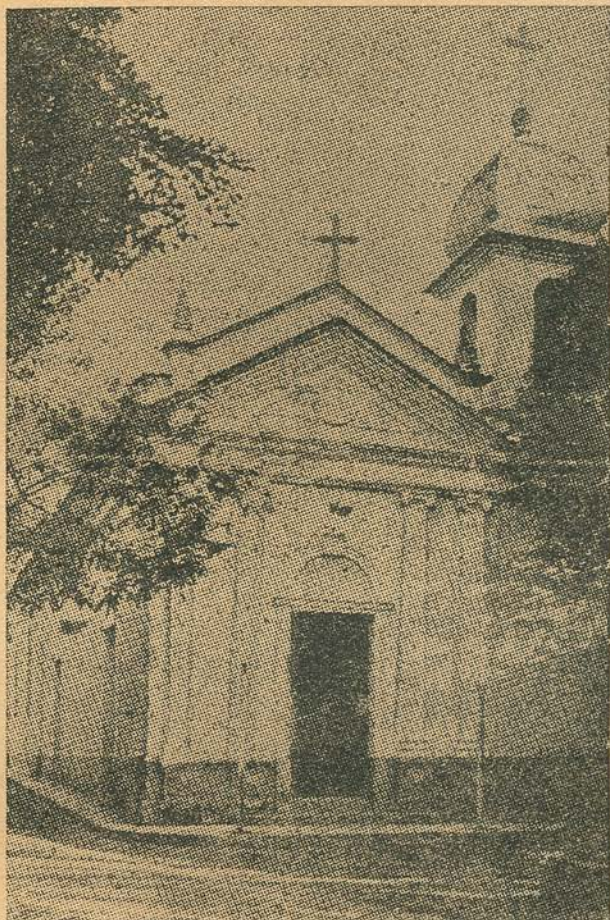
A princípio era uma pequena capela particular, fazendo parte do terreno que logo foi transformado em fazenda.

Pouco se conhece acêrca da capela de S. Roque até o ano de 1728, quando lhe foi concedida pelo Bispo D. Antônio de Guadalupe, permissão para ter pia batismal e ministrar a extrema-unção, e isto porque a ilha se achava situada há aproximadamente três léguas de Magé, no continente, de cuja paróquia, fazia parte. De fato era por demais penoso atravessar o mar em tão larga extensão a fim dos habitantes de Paquetá — já em apreciável número poderem ser beneficiados com os recursos da religião.

Em 23 de março de 1833, Paquetá, por decreto imperial, foi desmembrada da freguezia de Magé, passando para o município da Côrte.



A capela, naquela época, tinha sòmente um altar e nêles se venerava a imagem de S. Roque. Segundo diz Moreira de Azevedo, em seu livro "O Rio de Janeiro", o templo era divi-



SÃO ROQUE

dido em três partes — a capela-mor, em cujo altar estava o padroeiro, a nave, onde a família dos fazendeiros e os seus convidados assistiam aos cultos religiosos e, próximo da porta, em recinto ladrilhado e separado, do centro da nave por uma grade, o local destinado aos escravos que, como os brancos



— embora em sítios distintos e em condição inferior... também eram filhos de Deus.

O côro era localizado por cima da porta principal e em frente ao trono do santo, e para o qual se subia por uma estreita escada construída por fora do templo passando-se por uma porta. Acima levantava-se uma pequena torre.

\* \* \*

No ano de 1822, a fazenda passava a novo dono. Era êle o Capitão José Joaquim Pinto Serqueira, fabricante de cal na ilha de Brocoió, nas imediações de Paquetá. Progredindo nos seus negócios, trabalhador que era, conseguiu amealhar regular fortuna, e logo cuidou de mandar trazer de Portugal a família que lá havia deixado.

Algum tempo mais tarde adquiriu a fazenda de S. Roque, então propriedade da Sra. Maria Florência Gordilho, na qual se incluía a capela.

Falecendo José Joaquim Pinto Serqueira, em 2 de maio de 1848, tocou a capela ao seu filho de nome Pedro José Pinto Serqueira, que logo deu início a uma grande reforma no templo, tendo sido o seu primeiro cuidado — humano que era, levantar a grade que separava os brancos dos escravos, e assalhar tôda a nave.

Antes de 1876, ano em que faleceu Pedro José Pinto Serqueira, a capela possuía mais dois altares laterais. Num dêles estava exposta N. S. das Dôres, imagem magnífica, vinda de Portugal; êsse altar foi construído em homenagem à Virgem por se ter salvo da morte uma filha de Pedro José. No outro altar estava S. Sebastião, igualmente por motivo de promessa feita por uma senhora enferma, e que em Paquetá se restabelecera, atribuindo a sua salvação a milagre do santo.

Por morte de Pedro José a 13 de outubro de 1876, a propriedade da capela coube à Sra. Adelaide Adelina Serqueira de Alambarí Luz, que falecendo em 1 de outubro de 1897, passou a sua posse ao arcebispado do Rio de Janeiro, conforme consta do documento abaixo:

— “Eu, abaixo firmado, no pleno gozo do direito que me é assegurado pela sentença do Tribunal Civil



e Criminal de 25 de Abril do anno proximo preterito de 1901, nos autos do inventario dos bens deixados por minha fallecida mulher D. Adelaide Adelina Serqueira de Alambary Luz, mandando lançar à minha meação a capella de S. Roque, em cuja pósse nesta ilha me acho há mais de um quarto de seculo (primitivamente como cabeça de casal, depois como proprietário); attendendo a que maior lustre e merecimento assumirá o culto do referido e venerado Sancto, estando o seu pequeno e velho templo sob a immediata administração das altas autoridades ecclesiasticas, e ao mesmo tempo accedendo às instantes solicitações de meus filhos, que de igual modo pensam acerca de tão elevado assumpto, — resolvi muito voluntariamente, e sem a menor insinuação de pessoa extranha à minha familia ceder, como de facto cedo, com todos os meus direitos sobre a mesma capella de S. Roque ao Arcebisado do Rio de Janeiro, hoje sob o paternal governo do muito digno e illustrado Exmo. e Revdmo. Sr. Arcebispo D. Joaquim Arcoverde, transferindo para as benignas mãos de Sua Excellencia Revdma. não só a sobredita capella, como tudo quanto a ella pertence. E para que produza todos os effeitos legaes, escrevo do meu próprio punho esta irretractavel declaração, que é por mim assignada e pelos meus dois filhos Adelina e Pedro, meus unico legitimos herdeiros. Ilha de Paquetá, 17 de Agosto de 1902 — José Carlos d'Alambary Luz — Adelina Verginia Serqueira d'Alambary Luz — Pedro d'Alambary Luz”.

Pouco depois do Arcebisado ter sido empossado na propriedade, foi a capela demolida. Hoje, no mesmo local se ergue um novo templo, mais amplo, porém com apenas ligeiras modificações quanto ao seu aspecto interno e externo.

Durante o tempo que durou a construção da actual igreja as imagens, do orago e as de N. S. das Dores e S. Sebastião, foram guardadas na igreja do Bom Jesus do Monte, Matriz de Paquetá, situada na parte sul, bem em frente à estação das



barcas que estabelecem a ligação entre a ilha e o Rio de Janeiro.

\* \* \*

A festa de S. Roque é tradicional na ilha de Paquetá. A 16 de agosto de cada ano, há ali imponentes comemorações.

Antigamente, no entanto, tais festejos tinham maior retumbância, atraindo povo de todas as partes, quer da capital, quer das cidades e povoações do Estado do Rio de Janeiro. Numerosos barcos, faluas, saveiros e até pequenos vapores transportavam devotos e curiosos para a grande solenidade. Era gente que chegava de Petrópolis, de Niterói, de Magé, de Mauá, do Rio de Janeiro, e até de Terezópolis, empolgada pelo tradicional esplendor das comemorações. Havia passeios a cavalo, fados chorados à guitarra, leilão de prendas, barraquinhas com doces e frutas, e terminava com a queima de fogos de artifício, que deslumbravam os habitantes da pacata ilha e os forasteiros.

O próprio rei D. João 6.º e os seus ministros, muitas vezes rumaram para Paquetá para viver o padroeiro. O soberano era recebido na casa solarenga de Francisco Gonçalves da Fonseca, oficial de Milícias, situada na rua dos Muros. E ali passava D. João 6.º, longe das intrigas da corte, até que voltava, pesaroso, ao seu palácio no Rio de Janeiro, depois de alguns dias de permanência no poético rincão da Guanabara.

Contam até que, certa vez, o rei esteve na capela de S. Roque, cumprindo um voto que fizera ao santo, por se ter curado de dolorosa ferida que lhe aparecera em uma das pernas, em consequência de picada de traçoeiro carrapato, que não respeitara o seu sangue azul. Vários médicos foram chamados; no entanto, só a intervenção de S. Roque (segundo êle proclamava), lograra restabelecê-lo.

Posteriormente, D. Pedro 1.º, já imperador, José Bonifácio, Evaristo da Veiga, vários regentes do império depois da abdicação, compareceram também à festa de S. Roque, levando ao povo da ilha o seu testemunho de fé nos milagres do mártir.

Na sala contígua à capela as "promessas" de cêra eram em tão avultado número, que, por falta de espaço para guar-



dar a tôdas, as mais antigas eram convertidas em velas para alumiar o santo.

\* \* \*

Não podemos deixar de assinalar nesta crônica os relevantes serviços prestados pela antiga capela de S. Roque, durante a rebelião da Armada em 1893. No seu seio recebeu os corpos mutilados dos marinheiros e oficiais inferiores, mortos no embate político.

Como se sabe, Paquetá era a base de operações dos revoltosos chefiados pelo Almirante Custódio José de Melo contra o governo do Marechal Floriano Peixoto.

\* \* \*

Nos primeiros anos do século atual a capela foi demolida, para em seu lugar ser edificada a que hoje ali se encontra, como uma relíquia amada pelo povo da ilha.

Em 1905, foi iniciada a construção durante o tempo que exercia a função de Vigário da freguezia o Padre Juvenal Madeiro. Falecendo êsse pastor, ficaram por algum tempo paralizadas as obras, até que em 1910, o seu sucessor, Padre Pouton, resolveu dar incremento à realização, encarregando dêsse serviço o arquiteto Miguel Bruno, que procurou manter as mesmas linhas da antiga capela, imprimindo na sua planta o estilo jônico, revelado nas colunatas que ornaram o seu frontispício. Ao lado direito levanta-se pequena torre, como a que existia, ligeiramente modificada no seu pináculo.

Tem somente uma porta na frente, duas no oitão esquerdo, e igual número de janelas gradeadas do mesmo lado.

No interior o piso que é todo ladrilhado, e o teto apresentando caprichoso desenho realizado em estuque, há apenas o altar do presbitério, onde se venera a velha imagem de São Roque. Na parede que fica atrás está um belo quadro de grandes dimensões, executado há cerca de dez anos por Pedro Bruno, exímio pintor, filho de Paquetá. Êsse quadro representa o Padroeiro da ilha, com o seu indefectível cão, símbolo de fidelidade. A vista que serve de fundo a essa pintura é o recanto onde está a capela, com aquele pôço lendário, que a Prefeitura mandou cobrir, ensombrado pelas acácias da Praça



de S. Roque. O trabalho rico em imaginação e primoroso na execução, foi doado ao templo pelo seu autor.

Aos lados do altar, mais à frente, estão sôbre colunas, as imagens de Sta. Terezinha e Sagrado Coração de Jesus.

Nas paredes laterais da nave, há dois nichos. No da direita está colocada a imagem de S. Sebastião, cabendo à N. S. das Dôres o lugar no segundo nicho. Há também, logo à entrada, à esquerda, N. S. da Penha. São essas, as únicas imagens que existem no tradicional santuário de São Roque.

A construção do atual templo foi concluída em 5 de setembro de 1911.

Em frente à capela ainda há hoje a base do cruzeiro de madeira que indicava a existência ali de um cemitério. A grande cruz desapareceu, mas o seu vestígio lá permanece como u'a recordação piedosa dos dias idos.